



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

GT - Catolicismo Contemporâneo (2)

A IGREJA ORTODOXA DE SÃO NICOLAU EM JOAQUIM TÁVORA - PARANÁ

Milena Pondé Fonseca (UENP-PQ)¹

Resumo: Há quase mil anos, o Cisma do Oriente dividiu a Igreja Cristã em duas: a Igreja Católica Apostólica Romana e a Ortodoxa. Nesta nova organização, algumas características diferentes consolidam a separação destas instituições, gerando confusão sobre o que de fato é a Igreja Ortodoxa. Essa denominação cristã é o tema deste trabalho, com enfoque na Igreja Ortodoxa de São Nicolau, na cidade de Joaquim Távora, no estado do Paraná. Como objetivo, pretende-se elucidar ao longo deste artigo um pouco sobre os ritos, crenças, organização e história da Igreja Ortodoxa ao longo do tempo, visto que é um segmento cristão com poucos adeptos no Brasil, apesar de existirem vários grupos atuando no país. A metodologia empregada neste trabalho foi o levantamento bibliográfico, reunindo notícias, artigos e trabalhos de conclusão de curso (TCC's). Pretendeu-se também contribuir para com a expansão da área, principalmente no âmbito regional da mesorregião do Norte Pioneiro paranaense. Mauricio Loiacono (2005) e Mariana Gomes Ribeiro Rocha (2021) foram os autores empregados na fundamentação teórica deste artigo, enriquecendo as informações sobre a organização clerical da Igreja Ortodoxa; já Paulo Augusto Tamanini (2013) contribuiu para esclarecer alguns conceitos importantes e esclarecer a dificuldade de uma reunificação entre as igrejas Católica e Ortodoxa.

Palavras-Chaves: Igreja. Ortodoxa. Católica. Religião.

INTRODUÇÃO

As religiões fazem parte da esfera e vida humana desde as primeiras civilizações que habitaram este planeta. Mesmo que esses homens não possuíssem uma religião com as mesmas características das atuais, realizavam entre si algumas cerimônias e estabeleciam uma conexão entre o desconhecido e o sobrenatural.

Os segmentos religiosos inegavelmente oferecem para seus adeptos inúmeras experiências, tais como: esperança em uma vida terrena tranquila, a crença em uma existência após a morte (ou alma humana, que pode ficar na eternidade ou se reencarnar), aproximação com o plano divino, entre outras. Além disso, os dogmas de uma religião podem influenciar uma sociedade como um todo, principalmente nas esferas políticas e sociais.

Este trabalho, que é parte importante dos requisitos para obter o título de especialista em Ciências da Religião e Ensino Religioso, pretende contribuir para com a expansão da área, principalmente no âmbito regional da mesorregião do Norte Pioneiro do Paraná, local este onde está a cidade de Jacarezinho e um dos três campi da UENP (Universidade Estadual do Norte do Paraná).

¹Pós-graduada em Ciências da Religião e Ensino Religioso pela UENP. Licenciada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). milenapondefonseca@gmail.com.

O objeto de estudo geral dessa pesquisa é a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, que surgiu no século XI, se separando definitivamente da Igreja Católica Apostólica Romana no século XIII. No Brasil, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, 87,15% da população brasileira se declararam cristãos, sendo 64,63% católicos romanos, 22,16% evangélicos e 0,07% católicos ortodoxos, o que é equivalente a 131.571 fiéis espalhados por todo o território.

Já o objetivo específico é apresentar a Igreja Ortodoxa de São Nicolau, na cidade de Joaquim Távora, explicando um pouco mais da organização paroquial situada na zona rural da colônia São Miguel.

Pretende-se elucidar ao longo do desenvolvimento deste artigo um pouco sobre os ritos, crenças, organização e história da Igreja Ortodoxa ao longo do tempo, visto que é um segmento cristão não muito expressivo no Brasil, apesar de existirem vários grupos ativos no país. Além disso, salientar as tradições ortodoxas ajuda a retirar os preconceitos direcionados a esta instituição, que ficaram impregnados devido ao desconhecimento dos dogmas e à supremacia romana nas terras brasileiras desde o período da colonização.

O levantamento bibliográfico através de notícias, artigos e trabalhos de conclusão de curso (TCC's) será a metodologia empregada neste trabalho, além do uso do método qualitativo explicativo, que se propõe a explicitar e esclarecer conceitos, características e termos que compõem a temática em questão.

O desenvolvimento deste artigo será dividido em três etapas: na primeira etapa, será explicitado um pouco da história, hierarquia e ritos ortodoxos; na segunda, será enfatizado a Igreja Ortodoxa local e sua atividade e, por fim, os “embates” em torno da ideia de reunificação da Igreja Cristã.

DESENVOLVIMENTO

O Grande Cisma

A Igreja Católica Apostólica tem sua origem no ano 33 d.C., ano este no qual, segundo as escrituras da Bíblia (livro sagrado do cristianismo), Jesus Cristo foi condenado à morte na cruz, ressuscitou após três dias de seu falecimento e subiu ao reino dos céus. Os apóstolos que o seguiam perpetuaram seus ensinamentos até o fim de suas vidas, tendo sido São Pedro o primeiro papa.

Entretanto, durante os anos de 1054 e 1204, ocorre um processo de separação da Igreja Cristã, que ficou conhecido como “cisma” (que pode significar desacordo, divergência,

desmembramento), devido principalmente às discordâncias litúrgicas, culturais, políticas e, principalmente, dogmáticas.

Segundo Loiacono (2005), o que de fato dividiu a Igreja em duas partes distintas foi a questão do *Filioque* (expressão que significa “e do Filho”). O I Concílio de Nicéia realizado em 325 estabeleceu que o Espírito Santo provinha apenas do Pai; porém, no sínodo de Toledo realizado no século VI, os padres que representavam o lado ocidental da Igreja acrescentaram que o Espírito Santo também tinha origem no filho de Deus. A igreja oriental considerou esse ‘complemento’ uma grave injúria:

(...) para os padres do I Concílio de Nicéia, favoráveis ao texto original no qual o Espírito Santo tem sua procedência apenas do Pai, uma vez ter sido ELE, primeiro de tudo, pessoal – Pai, Filho e Espírito Santo – antes de ser Essência Divina Única. (...) (LOIACONO, 2015, p. 121).

Mesmo com as divergências acerca do dogma do *Filioque*, em 1014 ele foi incorporado definitivamente à liturgia ocidental. Durante o papado de Leão IX (1049-1054), o pontífice excomungou o Patriarca Miguel Cerulário pelo fato de que os orientais não adotaram o celibato entre os membros do clero e pela questão citada anteriormente; em contraponto, o representante redigiu outra excomunhão direcionada aos delegados papais.

Assim, a Igreja foi separada e se mantém até hoje em “duas partes”: do lado ocidental, com sede em Roma (Itália), a Igreja Católica Apostólica Romana; do lado oriental, com sede em Istambul, na Turquia (antiga Constantinopla), a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa. O termo “ortodoxo”, que foi adotado para descrever a Igreja oriental, pode ser interpretado como a verdadeira doutrina deixada pelo filho de Deus, sem interferências nas escrituras sagradas.

Os Ritos

A cerimônia eucarística na Igreja Católica Apostólica Ortodoxa procura trazer a presença do divino para o fiel, em uma organização e ordem muito semelhante às missas da Igreja Romana: o início é marcado pela leitura do Evangelho do dia (presente na Bíblia), passando em seguida para a o Ofertório (momento em que o sacerdote, consagra o pão e o vinho, semelhante ao que Jesus teria feito em sua última ceia com os apóstolos); no final, os

fiéis consomem a comunhão (ingerindo a hóstia ou bebendo vinho, o que simboliza o corpo e o sangue de Cristo) e finalizam o culto.

Três liturgias compõem o rito e necessitam ser enfatizadas: a de São João Crisóstomo, a de São Basílio Magno e a dos pré-santificados. Segundo Loiacono (2005, p.122):

(...) A liturgia de São Basílio Magno tem sua celebração dez vezes ao todo em um ano, ou seja, nos cinco primeiros domingos da Quaresma, Quinta-feira e Sábados Santos, e também na Festa de São Basílio, comemorada em 1º de janeiro, e nos dias precedentes às festas da Natividade e Epifania, realizadas no dia 6 de janeiro. No tocante à liturgia dos pré-santificados, salienta-se que não se trata de uma missa, mas, sim, de um solene rito de comunhão que se une à celebração das Vésperas e que ocorre durante o ano cerca de 19 vezes, principalmente nas quartas e sextas-feiras da Grande Quaresma. Na liturgia de João Crisóstomo, ganha destaque a epiclese, invocação do Espírito Santo sobre os dons eucarísticos.

5

Outra característica muito importante para se compreender a fé ortodoxa são os ícones, pinturas que representam os seres divinos e adorados pelos fiéis. Aspecto esse que se difere da Igreja Romana, onde existe a predominância de esculturas nos altares e nos locais de oração.

As imagens pintadas geralmente são confeccionadas por monges, mas nada impede que uma pessoa que não faz parte do clero pinte alguma obra, desde que cumpridas algumas exigências: não consumir bebidas alcoólicas, não praticar relações sexuais e realizar jejum. Os materiais que são utilizados nas pinturas podem ter origem vegetal, animal ou mineral, precisando também atender alguns requisitos:

(...) Todos esses elementos devem ser empregados em seu estado natural, após sua elaboração e purificação. Existe, nesse caso, uma interação da pureza do iconista com a pureza do material a ser trabalhado, pois a pureza plena deve ser um elemento constante, uma vez que, ao se entregar à tarefa de pintar, a pessoa estará em ligação direta com o Divino, transcendendo o mundo materializado. Ao empreender tal tarefa, a pessoa recebe da Onipotência e dos Santos a inspiração para a conclusão de uma arte cuja origem está nas dimensões paradisíacas. (...) (LOIACONO, 2015, p. 124).

Os ícones cultuados não representam uma falsa adoração às imagens, como se fossem destinadas apenas ao objeto em si e à sua beleza e/ou riqueza de detalhes e de valor. As pinturas possuem um caráter que transpassa o plano divino para o material, de modo que a santidade representada exerça influência sobre aquele que crê.

Essa influência aproxima o cristão das sagradas escrituras e das tradições religiosas, incentivando-o a possuir uma conduta mais racional e a trilhar caminhos em sua vida de forma coesa e benéfica para com os outros; além disso, são as boas ações praticadas na terra que conduzirão a alma após a morte para o céu, para a eternidade ao lado da figura de Deus. Nas igrejas ortodoxas, as pinturas ficam localizadas na iconostase², sendo reverenciadas de forma que, segundo Loiacono (2005, p.124):

Ao adentrarem em um templo, os ortodoxos não fazem a tradicional genuflexão, mas, ao se aproximarem dos ícones expostos, inclinam a cabeça, fazendo o sinal-da-cruz sobre o peito uma ou três vezes e tocando o chão com a mão direita. Depois de orarem, dão um ósculo respeitoso, inicialmente na imagem de Cristo, localizada sempre no lado direito, e depois na da Virgem Maria, posicionada no lado esquerdo da iconostase.

O culto à *Theotokos* (Virgem Maria na língua grega, onde *théos* significa Deus e *tokos* significa mãe) merece atenção também, visto que sua santidade ocupa lugar de muito destaque no rito ortodoxo. Sendo mãe de Deus e de toda a humanidade, assume uma posição de proteção e de amor incondicional, tal qual teve por seu filho Jesus. A diversidade de nomes que possui (na Igreja romana) e de ícones nas quais é representada é extraordinária, o que mostra a força da devoção mariana.

Há ainda, na Igreja Católica Apostólica (tanto na romana quanto na ortodoxa) o rito da confissão, que não se faz presente dos dogmas protestantes e pentecostais. Nada mais é do que o ato do cristão contar seus pecados cometidos ao sacerdote, de forma que este os absolva depois da confissão. Este é um ritual que envolve, por parte do fiel, exame de consciência, arrependimento, penitência e orações.

Desmembramento E Hierarquia Da Igreja Ortodoxa

A igreja Cristã, enquanto ainda era apenas uma, possuía cinco Patriarcados Apostólicos (também chamado de Pentarquia): Jerusalém, Alexandria, Antioquia, Constantinopla e Roma. Quem os administra são os Patriarcas, que foram criados a partir de questões como território e importância. Com o Grande Cisma, o patriarcado romano deixa de ser considerado na Pentarquia e o de Constantinopla vai perdendo aos poucos seu monopólio, o que acarreta na “independência” de várias igrejas, que neste contexto não dependem mais de

²A iconostase é uma divisória ou biombo, que separa a nave, onde ficam os fiéis, do santuário, reservado ao clero.

seu direito canônico.

As igrejas ortodoxas que vão ganhando autonomia em relação ao patriarcado de Constantinopla não o fazem por discordâncias e/ou conflitos de interesses, mas sim por questões nacionalistas e políticas. Um exemplo é enfatizado por Loiacono (2005, p. 126):

(...) cite-se a invasão turca de Constantinopla por Mohamed II, no ano de 1453. A partir dessa data, o Império Bizantino, depois denominado Otomano, passa a ter como principal forma de religiosidade o islamismo. A Catedral de Santa Sofia, na época o maior monumento à Cristandade, foi transformado em mesquita muçulmana por exigência daquele invasor. Evidentemente, isso levou ao enfraquecimento do cristianismo ortodoxo, uma vez que sua sede não é mais regida por um governo cristão.

7

Existem ainda, segundo Rocha (2021), as Igrejas Autocéfalas, que são jurisdições de determinado território independentes em sua administração, mas que não atendem todas as exigências para tornarem-se Patriarcados. Estas são governadas pelo Metropolitano ou Arcebispo Maior, e a explicação do primeiro nome se dá porque a Metrópole na Igreja Ortodoxa é equivalente a uma grande diocese (denominada Arquidiocese na Igreja Romana).

A organização do clero ortodoxo é semelhante ao do clero católico romano. Para Rocha (2021), existem três graus de posições hierárquicas: o diaconato, o presbiterado e o episcopado. O primeiro é composto pelos diáconos, que desempenham suas funções nas paróquias; o segundo cargo é desempenhado pelos sacerdotes (ou presbíteros), que podem ser de dois grupos distintos: os arciprestes (chamado também de clero secular ou branco), clérigos que podem aderir ao matrimônio e os hieromonges (também denominado por clero regular ou negro), que aderiram ao celibato. O último é preenchido pelos bispos, que podem ser arcebispos, metropolitãos ou patriarcas.

A Presença Da Igreja Ortodoxa No Brasil

A presença da Igreja Ortodoxa no Brasil é considerável, visto que suas paróquias provêm de diversos patriarcados; existem também igrejas de imigrantes que estão diretamente ligadas ao Patriarcado Ecumênico (de Istambul, antiga Constantinopla).

Segundo Loiacono (2005, p.127), a cidade de São Paulo possui vários exemplos de instituições que merecem ser citados:

(...) a Igreja Ortodoxa de Antióquia, localizada no bairro do Paraíso, a Catedral de São Pedro e São Paulo, sede do Arcebispado Metropolitano (Arquidiocese de São Paulo e todo o Brasil), que atende à comunidade sírio-libanesa paulista, além de manter uma instituição de ensino e asilos para idosos, um em Santo Amaro, Zona Sul e outro no bairro do Tatuapé, na Zona Leste. Essa Igreja tem templos na cidade de Santos e interior paulista, além de outras paróquias distribuídas pelos estados brasileiros.

Muito expressiva também é a presença da Igreja Grega Ortodoxa, dependente eclesiasticamente da Arquidiocese Grega da América do Norte e Sul, que responde ao Patriarcado Ecumênico. Dessa denominação, estão no município de São Paulo a Catedral de São Pedro, localizada à Rua Bresser, no bairro do Brás, e a Paróquia Ortodoxa da Dormição da Santa Mãe de Deus, no bairro do Cambuci. Contam-se templos também no Sul do Brasil, destacando-se, em Florianópolis, a Igreja de São Nicolau.

Existe ainda a Igreja Ucraniana, que é ligada à Metropolitana de Nova York e que chegou ao Brasil no século XX. Esta possui paróquias no Estado de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e principalmente no estado paranaense, contemplando algumas cidades como: Ponta Grossa, Maringá, Castro, Curitiba, Guajuvira, Piraquara, São Roque, Gonçalves Júnior, Cruz Machado, Antônio Olinto e Joaquim Távora (objeto de nosso estudo no tópico seguinte).

Importante enfatizar que essas são igrejas formadas por imigrantes, possuindo algumas características importantes: estas seguem o rito bizantino e preservam suas tradições, visto que durante a missa reservam uma parte do ritual para ser realizada na língua do país de origem (LOIACONO, 2005).

Contexto Da Imigração Ucraniana E Origens Da Paróquia

Para compreendermos o surgimento da Igreja Ortodoxa de Joaquim Távora, precisamos voltar ao século passado, mais precisamente na Rússia governada pelo czar Nicolau II. Em um contexto de extrema miséria pela maior parte dos trabalhadores, os ideais comunistas se proliferam e favoreceram a criação do Partido Operário Social-Democrata Russo em 1898, liderado por Vladimir Lenin, que posteriormente seria dividido em dois grupos: os bolcheviques e os mencheviques.

Com a entrada da Rússia na Primeira Guerra Mundial em 1914, a inflação do país sobe, os trabalhadores passam a receber salários ainda mais baixos e a fome aumenta; isso só eleva o descontentamento da população para com o monarca. Em 1917, na Revolução de Fevereiro, Nicolau II é deposto; em outubro, os bolcheviques assumem o governo. Em 1922,

surge a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que foi a “união” entre os Estados da Rússia, Transcaucásia, Bielorrússia e Ucrânia.

Durante este período, a Ucrânia se torna um “Estado fantoche”, pois fica completamente à mercê da URSS. Uma das maiores atrocidades do governo de Josef Stalin (1927-1953) foi o Holodomor (ou Grande Fome), que ocorreu entre os anos de 1932 a 1933 e que ceifou a vida de aproximadamente sete milhões de ucranianos.

Além deste genocídio, muitos membros da Igreja eram perseguidos pelo Partido Comunista da União Soviética, sendo muitos fuzilados ou enviados para os *gulag's* (campos forçados de trabalho). Neste contexto, muitos emigraram forçadamente, como foi o caso de Dom Ioan Teodorovytych, que saiu da Ucrânia em dezembro de 1923, fundando a primeira Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana dos Estados Unidos e se tornando Arcebispo da mesma no ano de 1924 a 1947, atendendo também fiéis do Canadá, Paraguai, Argentina e Brasil.

Os emigrantes ucranianos que chegaram em terras brasileiras fugiram principalmente das condições impostas pelo conflito mundial da Primeira Guerra, tendo um grupo se assentado na Colônia São Miguel, área rural do município de Joaquim Távora. A primeira missa aconteceu no ano de 1927 em uma casa particular, tendo sido realizada pelo Padre Nicolau Ziombra, na época pároco de Jangada do Sul, em Santa Catarina.

Somente em 1946, já sob supervisão de um pároco local chamando Basílio Postolan, foi que se iniciou a construção de uma Igreja própria para a comunidade, através da doação de vários fiéis. A Paróquia foi instituída com o nome de São Nicolau (bispo turco que teria nascido provavelmente no ano de 270 e morrido em 350; é conhecido por ter inspirado a figura do Papai Noel, por sua bondade e acolhimento para com os mais pobres e com as crianças), sendo, portanto, uma Igreja Ortodoxa Autocefálica Ucraniana, tendo sua arquieparquia (ou arquidiocese) a Igreja de São João Batista do Rito Ucraniano, localizado em Curitiba.

A Paróquia São Nicolau

Atualmente, a Paróquia é zelada pela professora aposentada de filosofia Maria Mareche, que me concedeu a permissão e liberdade de visitar o local e conhecer um pouco mais da Igreja Ortodoxa tavorense, desconhecida por muitas pessoas da região.

Figura 1 – A entrada da Igreja:



Fonte: A própria autora.

A Igreja possui um ponto peculiar: é frequentada tanto por católicos romanos quanto por ortodoxos, de modo que operem os dois ritos nela de forma harmoniosa, não sendo problema nenhum para os moradores locais. O padre ortodoxo Gregório Filakoski, residente de Irati, se desloca até a colônia uma vez a cada dois meses para realizar uma missa, enquanto que os padres da Igreja Matriz de São Sebastião de Joaquim Távora realizam uma celebração a cada trinta dias.

Figura 2 – A iconostase da Igreja:



Fonte: A própria autora.

Percebe-se pela foto que os ícones predominam a Igreja, evidenciando a imagem de Jesus Cristo à direita, de Maria à esquerda e a representação da Santa Ceia na parte superior. Mas nota-se a ‘dualidade’ religiosa pela imagem de Nossa Senhora Aparecida localizada no canto inferior esquerdo, padroeira do Brasil pela Igreja Católica Romana.

Figura 3 – O sacrário da Paróquia:



Fonte: A própria autora.

O sacrário, também chamado de tabernáculo, é um pequeno armário onde ficam guardadas as hóstias (ou Eucaristia, que representa o corpo de Cristo), que são consumidas durante a comunhão nas missas. Geralmente são confeccionados em metal e na cor dourada, mas neste caso da Paróquia, foi produzida em madeira.

As cruzes representadas são denominadas como ortodoxas russas, possuindo uma haste vertical central e três horizontais, tendo a inferior pendendo para baixo. Essa cruz remete ao episódio da crucificação: a primeira travessa, de cima para baixo, seria onde foi colocada a descrição de Cristo (Jesus de Nazaré: o rei dos judeus); na segunda, os braços dele teriam sido pregados à madeira e na terceira e última, seus pés ficaram “apoiando” seu corpo, também presos por pregos.

12

Figura 4 – Ícone da santa Maria Aparecida Beruski:



Fonte: A própria autora.

A Igreja possui ainda uma pessoa tida como santa local, que é sobrinha de Maria Mareche, a zeladora do local. Seu nome era Maria Aparecida Beruski, e ela faleceu aos 27 anos em 1986, vítima de um incêndio na escola onde lecionava, na própria colônia São Miguel. O acidente foi causado pela explosão do botijão de gás enquanto a professora preparava sopa para os alunos; dos treze alunos presentes, apenas cinco conseguiram sobreviver e escapar pelas janelas.

Ela ainda não é uma santa reconhecida pela Igreja Ortodoxa pois ainda está em processo de canonização, porém é venerada como tal e vista como uma heroína, pois ajudou a retirar as crianças da sala de aula ao invés de tentar sair e deixá-las para trás.

A Possível E Delicada Teoria De Reunificação Das Igrejas Cristãs

Mesmo com quase mil anos separação através do Grande Cisma, há uma grande questão entorno da possível reunificação da Igreja Cristã, unindo novamente a Igreja Católica Romana e Ortodoxa em apenas uma instituição. Para isso, devemos pensar em seu funcionamento no primeiro milênio, onde, mesmo com a diversidade teológica e ritualística que os antigos Patriarcados possuíam por suas diferentes culturas, todos estavam realizando a mesma liturgia, mesmo que já existissem discordâncias (TAMANINI, 2013).

A consolidação dos termos “católico” e “ortodoxo” no século IV e seu uso para designar um grupo distinto de cristãos serviram para aprofundar o preconceito entre os dois grupos. Segundo Tamanini (2013, p. 42):

(...) Com a formalização do cisma de 1054, os ocidentais identificavam os cristãos orientais por “**acatólicos**”, enquanto esses apontavam os primeiros como **heterodoxos**, fazendo perder por completo o sentido de pertença a uma única Igreja. A intenção de exclusivismo da “**catolicidade**” e da “**ortodoxia**” passou a ser disputada como uma **nota de identificação ou prerrogativa** de dois corpos canônicos que não se alinhavam mais em seus dizeres e tão pouco se viam como partes constituintes da mesma ECCLESIA. Logo, com o desdobramento das separações, a porção Oriental da Igreja de Cristo apregoava-se o termo “**ortodoxa**” e da Ocidente defendia a prerrogativa de ser “**católica**”.

Mesmo com a semelhança dos ritos e dogmas, as duas Igrejas pregavam e difundiam o mesmo pensamento: a de que apenas uma instituição era verdadeira e que apenas ela teria surgido da vontade do próprio Jesus, enquanto a outra teria sido criada de uma dissolução e/ou excomunhão, sendo frequentada por pessoas hereges e que não seguiam a doutrina da fé apostólica.

Alguns anos após o Concílio Vaticano II, o documento “Declaração Mútua do levantamento das excomunhões entre a Igreja Católica e Ortodoxa” foi assinado no dia 7 de dezembro de 1965, pelo Patriarca Atenágoras de Constantinopla e pelo Papa Paulo VI. Retirando as excomunhões promulgadas em 1054, esse fato deixou claro que as Igrejas estavam dispostas a um diálogo mais compreensivo e abrangente sobre uma possível reunificação, mesmo que ela não tenha acontecido até os dias atuais (TAMANINI, 2013).

CONCLUSÃO

Pretendeu-se com este trabalho elucidar um pouco mais da Igreja Ortodoxa e de seus ritos, a fim de que a errônea concepção de que ela não é uma verdadeira Igreja Católica Apostólica diminua, ainda mais em uma região interiorana como a que a cidade de Joaquim Távora está localizada.

Foi possível constatar que o Grande Cisma e suas consequências da separação criaram barreiras e pré-conceitos que se perpetuam na Igreja Católica até os dias atuais, visto que a reunificação é uma ideia muito distante de se concretizar, mesmo que as Igrejas Romana e Ortodoxa possuam a mesma organização clerical e sigam um mesmo método para realizar suas ritualísticas.

Quanto à sua presença em terras brasileiras, é provável que o número de praticantes se mantenha ou diminua ao longo dos anos, considerando a solidez e facilidade de expansão e interiorização que a Igreja Católica Romana possui, além do fortalecimento e da grande variedade de igrejas evangélicas que aqui também se encontram.

Na Colônia São Miguel de Joaquim Távora, apenas alguns moradores possuem ascendência ucraniana, não sendo, portanto, uma zona rural exclusiva de pessoas com essa origem. Além disso, uma pequena parte das missas é realizada na língua do país do leste europeu, visto que os mais jovens não a compreendem; neste caso, ocorre o risco de extinção dos costumes originais, visto que se as tradições não são celebradas socialmente, cabe apenas às famílias a tentativa de manter essa lembrança viva.

As religiões, sejam elas quais forem, criam ambientes institucionais que geram o sentimento de pertença e de afeto por parte daquele que crê, sendo intrínseco à natureza humana. Por isso, é tão importante ressaltar a esfera religiosa como parte importante das ciências humanas e sociais, já que influenciam diariamente o comportamento dos indivíduos no mundo todo.

REFERÊNCIAS:

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.

Acesso em: 23/05/2023.

LOIACONO, Mauricio. **A Igreja Ortodoxa no Brasil**. REVISTA USP, São Paulo, n.67,

p.116-131, 2005.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. **Metodologia de Pesquisa Científica**: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos, n° 1, p. 72-87, 2012.

ROCHA, Mariana Gomes Ribeiro. **O conflito russo-ucraniano e a Igreja Ortodoxa**: uma análise sobre a influência mútua entre religião e Estado. 2021. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais). – Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2021.

SANTIN, Wilhan. **IGREJA ORTODOXA** – Paranaense pode ser 1ª santa da América Latina. Folha de Londrina, Londrina, 30 de junho de 2007. Disponível em:

<https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/igreja-ortodoxa---paranaense-pode-ser-1-santa-da-america-latina-607943.html?d=1>. Acesso em 11/05/2023.

SILVA, Robson Nunes da. **Narrativas sobre a Igreja Ortodoxa no livro didático**: uma história do Cristianismo Oriental. 2019. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2019.

TAMANINI, Paulo Augusto. **Como entender ortodoxia, catolicismo, unidade, divisão e ruptura**: uma visão teológica do conceito “cisma” no cristianismo e na(s) igreja(s). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE TEOLOGIA ORIENTAL, 1., 2013, Curitiba. Anais...Curitiba: Faculdade São Basílio Magno, p. 37-52.

TROTSKY, Leon. **A história da Revolução Russa**. Brasília: Editora do centenário, 2017.